

A força da desmesura

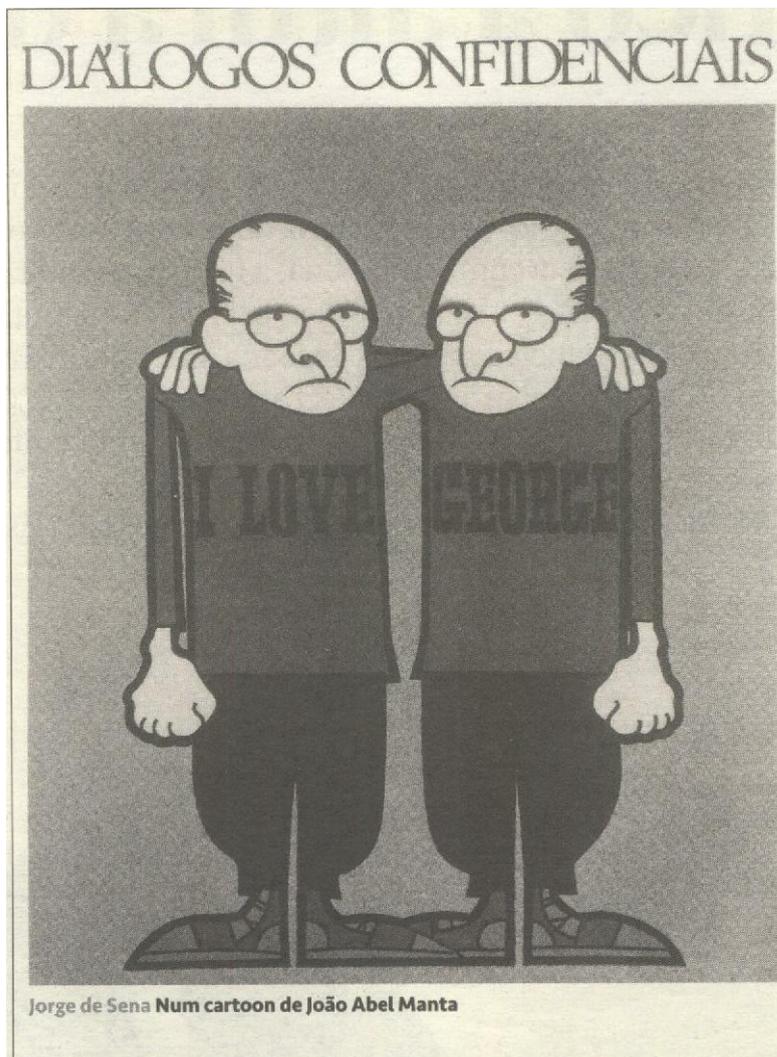
FERNANDO J.B. MARTINHO

Este texto trata de um possível diálogo da minha poesia com a de Jorge de Sena (JS). Foi tal circunstância que justificou a minha presença, enquanto poeta, no painel do Congresso Internacional, na Faculdade de Letras de Lisboa, nos passados dias 17 e 18 de outubro.

Nos fins dos anos 80, pouco depois, portanto, de passados dez anos sobre a morte de JS, José Augusto Seabra, diretor literário da Nova Renascença, convidou-me a colaborar no número do revista que ia ser dedicado ao poeta de *As Evidências* (nº 32/33, Outono de 1988/Inverno de 1989). Em vez do ensaio que Seabra certamente esperava, enviei-lhe um conjunto de seis poemas “À Memória de Jorge de Sena”, que foram incluídos numa bastante alargada secção de “Homenagem Poética a Jorge de Sena”. Foi intencionalmente que o fiz, não só por ter matéria recente, como também por, no mais fundo de mim, nunca ter abdicado da minha condição de poeta, é certo que de escassa aparição em volume, muito por virtude da dedicação à crítica e ao ensino.

Vou centrar-me em três desses textos. O primeiro tinha uma epígrafe de António Patrício, a que era fiel, e reflete o fascínio que o simbolismo, ainda presente em muita poesia de Novecentos, em mim exercia. Transcrevo-o, com a epígrafe (“os pinhais plumulavam”), porque não é muito extenso: “Não há rumor que chegue/ a esta sombra fria de jade/ irisado que dizem ser a morte./ Nem luz que, esparsa, cegue/ o que, acerada caruma, há-de/ perder-se nos pinhais do norte.// Aqui só mora a paz que a opala/ irisa no gosto breve de desatá-la.”

O quinto poema na ordem com que os apresentava, tinha por título “Glenn Gould na Televisão”, e nascera da funda



Jorge de Sena Num cartoon de João Abel Manta

impressão que me causara a revelação daquele extraordinário pianista canadiano que não conhecia, e acerca de cuja perturbante genialidade ficaria ainda mais ciente depois de ler o romance *O Naufrago*, que me fora recomendado por Herberto Helder. Cito-o na íntegra por ser um texto igualmente breve: “Eu ouvi a morte/ num fio de música/ tenuíssimo e brando./ Era dourada no Outono/ a entrar em casa com/ um pouco de vento/ nas velas.” Há nele uma óbvia tonalidade elegíaca, de

acordo, aliás, com o género em que se inscreve a totalidade dos poemas, o *in memoriam*.

Não é improvável que aqui se cruze uma reminiscência da leitura que em 1968 fizera do poema de *Arte de Música* de Jorge de Sena, “Bach: Variações Goldberg”, ainda que na sua origem ele tivesse tido outros executantes. Impossível, no entanto, é não lembrarmos os versos finais do poeta português: “Será que alguma vez, senão aqui,/ aconteceu tamanha suspensão da realidade a ponto/

de real e virtual serem idênticos, e de nós/ não sermos mais o quem que ouve, mas quem é? A ponto de/ nós termos sido música somente?”. Foi essa “suspensão da realidade”, verifico-o agora, que apreendi, maravilhado, na execução de Glenn Gould do excerto das célebres *Variações* que me foi dado ver e ouvir.

Acerca do último poema do conjunto, “À Maneira de Sena”, não pode haver quaisquer dúvidas. Aqui, é claramente de influência que se trata, embora a relação da minha poesia com a de JS se pautasse por aquele princípio que Pessoa enunciou, o de que uma grande admiração não supõe necessariamente uma grande influência. Já o mesmo se não observa no meu trabalho crítico, em que o seu exemplo, desde cedo, foi essencial, como facilmente se pode comprovar pela leitura do volume de ensaios que lhe dediquei.

Mas voltemos ao poema, em que lanço mão de duas categorias genológicas, frequentemente interligadas, o poema *à la manière de* e o monólogo dramático. Dou a palavra ao próprio poeta que evoco e celebro: “Sempre me foi pouca, / ou foi excessiva, / a vida, a que me coube / ou a que tive / por escolha e decisão. // Do mais não sei, / que me dói a raiva / de a saber para além de qualquer entendimento. // O resto é o que esquecemos / na ignorância / de humanos sermos.” Temática e estilisticamente tentei aproximar-me o mais possível da fala poética de Sena. Tracei do poeta, digamos,

um retrato, incompleto, porém,

“
**A grandeza deste
 homem, a sua
 afabilidade de trato,
 generosidade,
 fidelidade integral à
 responsabilidade de
 estarmos no mundo’**”

como todos os retratos, por mais fiéis que se queiram ao retratado. Para um retrato de corpo inteiro, ficou tanto por dizer, para dar a medida da grandeza deste homem, da sua afabilidade de trato, da sua generosidade, da sua “fidelidade integral à responsabilidade de estarmos no mundo”, e que transparece em toda a sua obra de modo tão fundo e intenso, com a força da desmesura que era a sua. A melhor maneira de falarmos dele será, porventura, aplicar-lhe palavras de Unamuno, que ele lembra num comovido artigo sobre o seu amigo Dionisio Ridruejo, vindo a lume no nº 1 do magazine de poesia e desenho, *Nova*, relativo ao Inverno de 1975/76: “*Todo un hombre*”.

A terminar, não poderia deixar de aludir a um poema que escrevi antes daqueles em que me detive, mais concretamente em dezembro de 1975, e que dá uma ideia do lugar onde passei três dos melhores anos da minha já longa vida, Santa Barbara, trabalhando com Sena. Eu vivia

em Isla Vista, bairro essencialmente de estudantes, próximo da Universidade e do grande Pacífico. Era um lugar onde ainda se respiravam restos da cultura *hippie*, e raro era o dia em que, ao fim da tarde, não subia a Camino del Drive em direção ao Pacífico, para me perder na visão embaçadora das suas ondas. Evocava Aldous Huxley que se dizia ter vivido naqueles sítios. E também a passagem pelo austero edifício de uma associação, que honrava a memória de um monge poeta que lera, com fervor, em Portugal, Thomas Merton. No centro do poema, em prosa e relativamente extenso, falava de um passeio que tínhamos dado a uma das lindíssimas missões da zona, Santa Inês Mission, Jorge de Sena, Jonathan Griffin, poeta inglês e tradutor de Pessoa na Penguin, e eu, e citava mesmo uma arte poética de *In Time of Crowding*, livro de que Griffin me fizera oferta: “A poem is a Kiss/ or a blow in the face// To write poetry now is/ to spit in the faces of our children’s children// An insult is a challenge”. Derivava depois para um livro de Dora Vallier sobre Vieira da Silva, que requisitara para leitura domiciliária na Biblioteca da Universidade, de onde às vezes saía com um saco carregado de livros que a liberalidade da instituição punha ao nosso dispor. E sobre tudo pairava a lembrança da viagem aos puros cimos da Santa Inês Mission, “onde a luz faz corpo com o vento, com o púrpura e o verde das montanhas.” JL